

Projecto/Estágio para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação Audiovisual

Instituição_Instituto Politécnico do Porto
Escola_ESMAE
Curso_Mestrado em Comunicação Audiovisual
Especialização_Fotografia e Cinema Documental
Área_Fotografia

Unidade Curricular_Projecto/Estágio Profissional
Orientador_Professora Doutora Olívia da Silva
Co-orientador_Drº Cláudio Melo
Co-orientadores Convidados_Drº Anibal Lemos,
Professor Mark Durden, Mestre Fátima Marques Pereira
Ano_2010

PALIATIVO FOTOGRÁFICO
LILIANA NICOLAU
MCA. 2010

Projecto/Estágio para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação Audiovisual

Instituição_Instituto Politécnico do Porto
Escola_ESMAE
Curso_Mestrado em Comunicação Audiovisual
Especialização_Fotografia e Cinema Documental
Área_Fotografia

Unidade Curricular_Projecto/Estágio Profissional
Orientador_Professora Doutora Olívia da Silva
Co-orientador_Drº Cláudio Melo
Co-orientadores Convidados_Drº Anibal Lemos,
Professor Mark Durden, Mestre Fátima Marques Pereira
Ano_2010

PALIATIVO FOTOGRÁFICO
LILIANA NICOLAU
MCA. 2010

Resumo

O presente projecto reflecte vários meses de integração, pesquisa e trabalho no serviço de pediatria do Instituto Português de Oncologia e tem como objectivo mostrar duas visões distintas da mesma doença numa faixa etária muito jovem, que nos alerta para o que é viver com a responsabilidade de ter que lutar pela vida, sem nunca se esquecerem de viver também enquanto crianças.

Neste projecto de cariz documental as histórias são contadas através de fragmentos do quotidiano de cada criança, onde se evidenciam os pontos comuns e as diferenças entre elas.

Sentimentos, ideias e relações são captadas através da câmara fotográfica da autora e dos doentes, misturando desta forma dois pontos de vista distintos que acabam por convergir no mesmo sentido. Por um lado podemos observar imagens com uma visão exterior à doença através do olhar da fotógrafa e por outro, uma visão interior, de quem tem que viver com a doença dia após dia.

As fontes e pesquisas envolvidas neste trabalho centram-se, principalmente, em torno do trabalho de *Jo Spence* (1934-1992) “*A Picture of Health?*” e na sua teoria do uso da fotografia como uma terapia (foto terapia), no ensaio de *Susan Sontag* (1933-2004), “*Illness as Metaphor*”, no trabalho “*People with Aids*” de *Nicholas Nixon* (1947) e nos retratos de *Richard Avedon* (1923-2004) sobre o seu pai (*vide figuras 15, 16 e 17, p.25*).

Palavras-chave: Pediatria; Quotidiano; Documental; Foto Terapia;

Abstract

This project reflects several months of integration, research and work in a cancer hospital and aims to show two different views of the same disease at a very young age, which alerts us to what it is to live with the responsibility of having to fight for life, without never forget to live as children too.

In this documentary project, stories are told in fragments of daily life of each child, which highlight the commonalities and differences between them.

Feelings, ideas, relationships are captured through the photographer's camera and patients, thereby mixing two different points of view that eventually converge in the same direction. On the one hand we see images with an exterior view of the disease through the vision of the photographer and on the other hand an inside look of who has to live with the disease every day.

The sources and researches involved in this work focuses mainly around the Jo Spence's work (1934-1992) "A Picture of Health?" and in her theory of the use of photography as a therapy (photo therapy,) in Susan Sontag's essay (1933-2004), "Illness as Metaphor," the work called "People with AIDS" from Nicholas Nixon (1947) and the portraits of Richard Avedon (1923-2004) about his father (vide figure 15,16 e 17, p.25).

Keywords: Pediatrics, Daily, Documentary, Photo Therapy;

Dedicatória

Gostaria de dedicar este trabalho às crianças do serviço de pediatria do IPO do Porto.

Aos meus pais, que para além de terem suportado todas as despesas deste projecto, deram-me um apoio incansável para continuar a lutar pelos meus objectivos.

Ao meu namorado Sérgio, que desde que faz parte da minha vida me apoiou sempre a 100% nas minhas decisões e me acompanhou lado a lado principalmente ao longo deste projecto.

Ao meu avô, que mesmo sem saber me dava forças constantes e me devolvia o sorriso depois de um dia cansativo.

À minha avó, por tudo o que representou em 18 anos da minha existência e por tudo o que representa ainda hoje para mim.

À restante família e amigos.

Ao Bolinhas e ao Júpiter.

A mim própria, por nunca ter desistido, apesar de ter encontrado obstáculos difíceis durante a execução do projecto.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Instituto Português de Oncologia do Porto, especialmente à Dr.^a Bárbara Guimarães por todos os meios que foram disponibilizados desde o início, ao Enfermeiro Fernando Monteiro do serviço de acção e formação, à Educadora Filomena Maia do serviço de pediatria pela ajuda, orientação, conselhos e ideias ao longo da execução do projecto, e ao restante serviço de pediatria do hospital e pessoas envolvidas, que de certa forma ajudaram e contribuíram para o projecto.

Um especial agradecimento a todas as crianças, adolescentes e respectivas famílias do serviço de pediatria, principalmente aos que participaram no projecto, pela confiança que depositaram em mim e no meu trabalho.

Ao serviço de cuidados paliativos e respectivos profissionais, pois foram incansáveis na ajuda e na orientação na fase inicial do trabalho.

Ao Instituto Politécnico do Porto e aos Professores/Orientadores do mestrado, pelo acompanhamento, ajuda e orientação durante todo o projecto.

Por último, gostaria também de agradecer à família e amigos pelo apoio incansável.

Índice

Resumo.....	1
<i>Abstract</i>	2
Dedicatórias.....	3
Agradecimentos.....	4
1.Introdução.....	7
2.Metodologia.....	9
2.1 Métodos e Técnicas: Opções Iniciais – Digital e Planos.....	9
2.2 Trabalho Prático no IPO	12
2.2.1 Primeiro Contacto com o IPO – Métodos de Aproximação.....	12
2.2.2 Primeiro Contacto com os Doentes.....	13
2.2.3 Inserção da Máquina Fotográfica – Início do Acto Fotográfico.....	14
2.2.4 Experiências nos Paliativos e na Pediatria – Diferenças e Opções.....	15
2.2.5 Escolha dos Intervenientes do Projecto.....	16
2.2.6 Elevação dos Doentes à Condição de Fotógrafos – Foto Terapia.....	16
3. Estado da Arte.....	18
3.1 <i>Jo Spence</i> e a Foto Terapia.....	18
3.2 <i>Nicholas Nixon: “People with Aids”</i>	20
3.3 <i>Richard Avedon</i>	24
3.4 <i>Susan Sontag: “Illness as Metaphor”</i>	25
4. Foto Terapia.....	30
4.1 Análise de Imagens Captadas pelos Doentes.....	32
5. Documental vs Reportagem.....	35

6. Exposição das Imagens.....	37
7. Conclusão.....	42
8. Fontes e Bibliografia.....	44
8.1. Fontes Iconográficas.....	44
8.2. Fontes Bibliográficas.....	49
8.3. Fontes Audiovisuais.....	51

1. Introdução

Para o projecto final de Mestrado decidimos trabalhar sobre a criança enquanto doente oncológico, as mudanças e diferentes situações que ocorrem nas suas vidas, usando como base de trabalho o Instituto Português de Oncologia do Porto - IPO.

A ideia do tema para o projecto surgiu devido à história de um familiar próximo, o que motivou e despertou curiosidade em se conhecer melhor a doença em questão. Por essa razão, a escolha do local para o desenvolvimento do trabalho recaiu sobre o IPO do Porto, não só porque é uma instituição de renome e sucesso nesta área, mas também porque é um local que reúne todas as condições necessárias para trabalhar.

Tal como foi referido anteriormente, o projecto aborda situações relacionadas com a criança enquanto doente oncológico, mostrando situações e elementos comuns do dia-a-dia de uma criança normal, mas sempre num contexto de uma doença, que acaba por transformar imediatamente essa realidade, como por exemplo o ter aulas, ou simplesmente jogar um jogo.

Este fragmentos do dia-a-dia, pretendem não só mostrar os elementos comuns entre as várias histórias, mas também as especificidades de cada uma delas, já que as crianças participantes no projecto têm idades e personalidades diferentes, reagindo e fornecendo situações e emoções diferentes.

Sendo um trabalho de cariz documental, consideramos que a fase mais importante do mesmo foi a parte relacionada com o conhecimento e contacto com a instituição e pessoas envolventes. Sem esta primeira fase seria difícil realizar um trabalho com as características propostas, pois um dos requisitos de um trabalho documental é a interacção com o “assunto” fotográfico e a relação de proximidade que se estabelece com o mesmo.

Assim, a abordagem partiu duma pesquisa no próprio terreno, contactando com as pessoas, fazendo quase parte da vida delas, o que, obviamente, requereu tempo e dedicação. Passar a ser parte integrante daquele local, é algo que não se consegue de um dia para o outro, conseguindo-se somente através de uma conquista diária, a cada nova visita. Esta integração com os doentes e familiares em algumas situações foi tão profunda que originou desabafos e situações difíceis de separar, criando, por vezes, alguma “confusão” e “mistura” entre o trabalho que tinha que ser realizado e a parte emocional.

O resultado final é composto por imagens com duas visões diferentes das mesmas histórias, pois foi decidido que se iria dar a oportunidade aos doentes de fotografarem, pois, por muito

que o tempo de observação inicial e integração com as pessoas sejam importantes para a compreensão de determinadas situações, nunca será possível ter a mesma visão ou compreensão de quem sofre com a doença e tem que viver com ela constantemente, daí termos considerado que seria importante, e que traria novas informações que de outra forma não conseguiríamos ter. Além disso, os próprios doentes acabam por reflectir em determinadas questões que normalmente não pensariam, e mesmo os mais novos, acabam por fotografar inconscientemente situações que tem importância e ligação para com eles.

A base teórica e também prática deste projecto advém de uma pesquisa de ensaios escritos bem como de trabalhos fotográficos relacionados com o tema que foi desenvolvido. Assim, as pesquisas assentaram em torno da noção de diário ou do registo de situações do quotidiano de um doente (preferencialmente um doente oncológico), fosse este fotográfico ou escrito, factos e histórias que mostrassem o lado psicológico, as alterações que ocorrem num doente deste tipo, e também a noção de foto terapia e do uso da fotografia como um tipo de ajuda para os doentes e como meio de transmitir emoções e ideias ao mundo. Deste modo, o trabalho e as teorias desenvolvidas por *Jo Spence*, os ensaios escritos por *Susan Sontag*, as imagens fotográficas de *Richard Avedon* sobre o seu pai e o trabalho “*People with Aids*” de *Nicholas Nixon*, formam a informação essencial para projecto.

2. Metodologia

2.1. Métodos e Técnicas: Opções Iniciais – Digital e Planos

Relativamente à metodologia técnica, este trabalho foi realizado em formato digital. Esta decisão foi estabelecida desde o início e prendeu-se com vários motivos: em primeiro lugar porque se possuía equipamento próprio e com qualidade suficiente para o fazer (como por exemplo imprimir imagens numa escala grande); segundo, pela facilidade e rapidez, não só do ponto de vista da visualização das imagens, como do ponto de vista da manipulação das mesmas, se assim fosse necessário.

No que se refere ao tipo de planos e imagens captadas, determinamos que não haveria planos em que se conhecesse a identidade da pessoa. Esta decisão partiu da Instituição como uma restrição (para deste modo preservar a identidade dos doentes), decisão essa aceite, não pensando nela como uma limitação, mas sim como um desafio à criatividade, ajudando a pensar noutras formas de retratar pessoas.

As três imagens seguintes pertencem à associação *Photosensitive*¹, e são três exemplos de fotografias pesquisadas anteriormente a qualquer tipo de imagem captada no IPO, ou seja, estas funcionaram como uma espécie de base e ajuda para o que se poderia criar posteriormente. Cada uma delas representa algo mais do que aquilo que se consegue ver à primeira vista: pormenores ou planos mais abertos, mas sempre com uma mensagem por detrás do que vemos.



Fig.1

1 A *Photosensitive* é uma associação Canadiana que reúne um conjunto de fotógrafos há quase 20 anos que retratam temas com um cunho social bastante forte. Têm uma parceria com a Associação Canadiana contra o Cancro e tentam angariar fotógrafos voluntários para fotografar e mostrar as suas imagens na exposição que chamam "*Cancer Connections*". Esta exposição inicialmente teve lugar em Toronto, mas depressa se começou a espalhar por mais cidades. *Photosensitive*. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em <http://www.photosensitive.com/>.



Fig.2



Fig.3

As figuras 1 e 3 conseguem transmitir através do punho fechado, do laço no braço e da bíblia pousada uma espécie de força e de esperança. A figura 4 ajuda a idealizar o tipo de planos que se poderia fazer para registar tratamentos ou outro tipo de cuidados relacionados com a doença, estando evidente a presença humana, mas nunca dando a conhecer identidade, usando neste caso o contra-luz.

Deste modo, recorreremos ao uso de uma focagem criativa e selectiva, enquadramentos diferentes, muitas vezes, a cortar caras, uso da pouca luz por vezes disponível em determinadas imagens de forma a tornar objectos/rostos irreconhecíveis, grandes planos de partes do rosto, como por exemplo o olhar, de forma a captar emoções sem mostrar a identidade da pessoa, intersecção de objectos entre o retratado e a câmara e outras técnicas que permitiram conceber o projecto dentro dos parâmetros idealizados, como podemos ver nos seguintes exemplos.

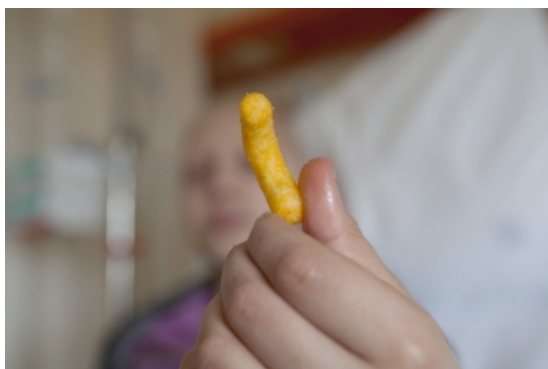


Fig.4



Fig.5



Fig.6



Fig.7



Fig.8

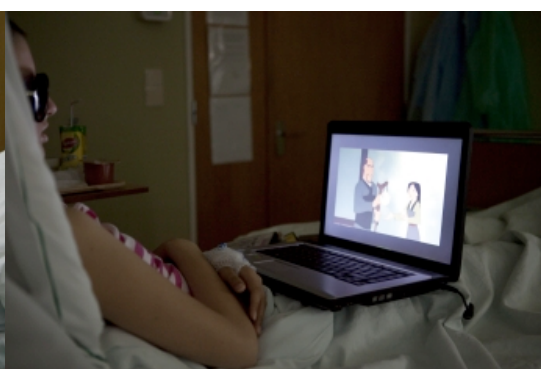


Fig.9

Tentamos encontrar formas alternativas de retratar os doentes, fugindo ao estereótipo de que um retrato de alguém tem que incluir a cara. O mais comum e habitual é observar-se imagens em que o rosto é incluído e muitas vezes colocado em evidência, mas se o objectivo de um retrato é mostrar e revelar a personalidade e outros elementos do retratado, porque dar só evidência ao rosto? Falamos e expressamo-nos com o corpo todo e até com elementos exteriores a ele.

2.2. Trabalho Prático no IPO

2.2.1. Primeiro Contacto com o IPO – Métodos de Aproximação

Desde o início do desenvolvimento do projecto que o contacto com o IPO foi sempre crescendo. Cada nova visita trazia novas informações, conhecimento de novos espaços e desafios associados a diferentes ideias que se poderiam explorar.

O primeiro contacto com a instituição foi feito através de e-mail, seguido de uma conversa telefónica para obter autorização para a elaboração do projecto, seguindo-se uma reunião.

A primeira reunião com a Dr.^a Bárbara Guimarães (relações públicas do Instituto Português de Oncologia), funcionou como ponto de partida para o começo do projecto. Sem esta reunião teria sido difícil começar a desenvolver o que quer que fosse, pois foi aqui que foram dadas a conhecer as limitações que iríamos ter, modos de funcionamento do hospital, normas e gestão de situações.

As visitas seguintes decorreram entre Setembro e Outubro, e serviram para conhecer todo o hospital, bem como os profissionais que lá trabalham (desde os médicos até aos voluntários), principalmente os chefes e responsáveis de cada serviço, que funcionariam como “pessoas-chave” de cada local, para no futuro poderem servir de guias e ajudar também no desenvolvimento do projecto. Estas “visitas guiadas” estiveram a cargo do Enfermeiro Fernando Monteiro - enfermeiro-chefe do Serviço de Acção e Formação do hospital – tendo sido escolhido, pela sua experiência profissional, anos de trabalho naquele hospital e também porque é usual ajudar jovens estagiários quando estes chegam ao IPO.

Sem esta ajuda teria sido difícil desenvolver o trabalho da forma que foi idealizado, pois aquilo que foi proposto fazer requeria uma integração profunda na instituição, e a obtenção da confiança e bom relacionamento com todas as pessoas envolvidas. Como o Enfermeiro Fernando tem excelentes relacionamentos com variadas pessoas, facilitou a integração nos espaços em que o trabalho foi desenvolvido. Foi também necessário conhecer alguns dos procedimentos, e locais que os doentes oncológicos têm que passar, e novamente, a ajuda do Enfermeiro Fernando foi essencial, pois conseguiu transmitir de forma sucinta e objectiva o que seria mais importante reter.

Estas visitas serviram para definir os locais em que iríamos começar o trabalho de campo, nomeadamente de contacto com os doentes e desenvolvimento do trabalho fotográfico. De tantos serviços, decidimos que seria mais interessante trabalhar nos serviços de cuidados paliativos e no serviço de pediatria. Essa decisão foi ponderada e discutida com profissionais de cada serviço e também com o Enfermeiro Fernando, onde chegamos a um

consenso de que estes seriam os melhores locais para desenvolver o projecto, pois são locais bastante ricos em situações onde as emoções são mais evidentes, onde a presença da família é uma constante, e sendo serviços de estadia por parte do doente quase permanente, permitem obter uma maior variedade de situações.

Esta foi uma fase de conhecimento extremamente importante que veio facilitar a deslocação dentro dos serviços.

2.2.2. Primeiro Contacto com os Doentes

A próxima etapa foi adquirir um contacto mais profundo com os doentes, mesmo ainda sem qualquer explicação muito descritiva do projecto. Era então importante que os doentes criassem uma habituação à presença de uma pessoa externa ao hospital e se sentissem confortáveis. O contacto com os doentes foi diferente dependendo dos serviços em que estes se encontravam.

No caso da experiência no serviço de cuidados paliativos, a aproximação ocorreu em duas fases: a primeira, consistia em conhecer os doentes sempre com acompanhamento de uma enfermeira e nunca directamente, e existia sempre uma conversa prévia com os familiares, especialmente no caso dos doentes que já não estavam conscientes. Nessas conversas com os familiares era explicado o conceito do trabalho e o que iria ser necessário da parte dos doentes, bem como outras questões ligadas ao projecto.

As conversas com os familiares decorriam fora do quarto do paciente para não causar stress, e até porque não seria ético falar ao lado do doente, principalmente não conhecendo o seu estado de saúde. Geralmente os familiares indicavam o grau de relacionamento com o doente, o seu estado de saúde e histórias relacionadas com eles.

O contacto com os doentes e a criação de laços para se poder começar a desenvolver o trabalho prático, desenrolou-se mais rapidamente, pois, sendo este um serviço em que os doentes estão em geral à espera do fim das suas vidas, a entrega, a criação e o estabelecimento de relações com eles teve que ter uma eficácia muito maior, provocando consequências emocionais adjacentes a esta rápida e profunda aproximação.

O tempo passado neste serviço foi muito importante. Em comparação com outros serviços, era necessário um maior número de horas seguidas de trabalho, pois nunca se sabia se no dia seguinte as pessoas ainda estariam no hospital. Fazer companhia, dar comida e ouvir desabafos foram acções que enriqueceram o acto fotográfico. Tudo ajudava a consolidar as

relações com os doentes que conseqüentemente facilitavam a parte fotográfica, pois sentiam-se mais à vontade apesar de estarem numa situação frágil.

No serviço de pediatria a abordagem de aproximação foi completamente diferente. Desde o primeiro contacto com o local até se ter começado a fotografar passou-se muito tempo. Neste local a técnica adoptada passava por dispensar algum tempo (apenas estar presente e observar) na sala de brinquedos. Este é um local comum para as crianças e adolescentes passarem o tempo, onde podem desenvolver várias actividades.

Depois de tentarmos compreender o funcionamento daquele local e o ambiente que o rodeia, passámos ao envolvimento nas actividades das crianças. Investimos muito tempo a jogar, pintar, conversar, ou até mesmo em pequenas tarefas, como empurrar máquinas com soro, cadeiras de rodas, entre outras, permitindo assim ganhar o carinho e o à vontade das crianças, mas também a confiança dos pais. Mesmo dentro do serviço de pediatria, a linguagem usada e a forma de estar dependia da idade de cada criança, temperamento e ambiente familiar, por isso, a observação não participante foi muito importante para perceber estas diferenças.

No serviço de cuidados paliativos as pessoas “abriam-se” mais rapidamente, que advinha também de um investimento mais rápido. Na pediatria não havia essa necessidade de urgência de tempo, por isso, tudo foi executado com mais calma, sem criar stress ou pressão nas pessoas.

2.2.3. Inserção da Máquina Fotográfica – Início do Acto Fotográfico

Uma vez mais a inserção da máquina fotográfica no espaço dependeu do tipo de serviço em que estávamos a trabalhar.

As primeiras imagens captadas foram do serviço de cuidados paliativos, e por conselho dos profissionais de saúde, o trabalho fotográfico deveria ser feito o quanto antes. A abordagem não foi necessariamente mais agressiva, foi mais directa e objectiva, pois o tempo era incerto. Normalmente começava-se a fotografar após conversa com os familiares e com os doentes, ou nos dias imediatamente a seguir, decisão essa que dependia do estado de espírito e físico do doente.

Apesar da rapidez da inserção da máquina no espaço, começámos por fotografar o espaço em que o doente se inseria, nomeadamente o quarto e objectos característicos, de forma a que o doente se pudesse habituar à presença da máquina, para depois o passar a incluir nessas imagens. Esses disparos foram feitos sem qualquer tipo de preocupação e

funcionavam como forma de integração e aproximação ao doente, tentando mostrar as imagens posteriormente, cativando-o assim pela curiosidade de ver como ficava a realidade através da máquina.

Na pediatria “tentámos” esconder até determinada altura o facto de se ir desenvolver um projecto fotográfico naquele local. Apenas depois de conquistada a confiança dos pais e das crianças, começámos a fotografar os espaços e objectos, para, e à semelhança dos paliativos, as pessoas se habituarem à presença da máquina. Em seguida, utilizámos a curiosidade própria das crianças e adolescentes para os fazer interessar-se pelo projecto. Assim, foi-lhes permitido fotografar e visualizar as imagens que criavam.

A partir da fase anteriormente descrita e depois de escolhidos os intervenientes, a máquina fotográfica foi facilmente aceite. As pessoas ou comportavam-se como se ninguém os estivesse a fotografar, ou então, queriam também elas fotografar e ver as imagens captadas.

2.2.4. Experiências nos Paliativos e na Pediatria – Diferenças e Opções

Inicialmente o trabalho foi desenvolvido nestes dois serviços, mas depois de algum tempo “experimental”, decidimos desenvolver o trabalho no serviço de pediatria.

Esta decisão prendeu-se com as grandes diferenças existentes nos serviços, efectuada depois de observadas e analisadas as imagens resultantes desse período experimental, uma vez que formavam dois projectos diferentes, principalmente a nível estético. A nível psicológico e físico o trabalho era muito mais duro, não só pela enorme carga emocional mas também pela necessidade do fotógrafo ter obrigatoriamente que passar muitas horas (seguidas) a acompanhar sempre a mesma pessoa. Tal como afirma *Dráuzio Varella*, médico e autor do livro “Por um Fio”²:

“Um dos aspectos mais marcantes é a consciência,(...), que é finito o nosso tempo. Esta noção, tão presente num hospital oncológico, não se pendura num cabide, juntamente com a bata, no fim do dia.”

² “Por um Fio” é um livro que conta a experiência de mais de 30 anos do médico *Dráuzio Varella*. Este livro divide-se entre histórias relacionadas com doentes oncológicos, mas também doentes portadores do vírus da Sida, muitas vezes em fase terminal de vida. VARELLA, Drauzio – *Por um fio*. Lisboa : Palavra, 2006. ISBN 989-627-007-4, p. 23.

Na pediatria existe uma maior variedade de espaços e actividades, o que permitia obter uma diversidade de situações e contar múltiplas histórias. Desta forma, conseguíamos concretizar o que tínhamos proposto fazer: captar diferentes situações do quotidiano de cada criança enquanto doente oncológico.

Para além disto, seria também possível colocar em prática uma ideia que surgiu durante o desenvolvimento do projecto, que consistia em permitir aos doentes a possibilidade de também eles fotografarem. No serviço de cuidados paliativos era algo quase impossível de concretizar, visto os doentes estarem debilitados física e psicologicamente, e na maior parte das vezes não se deslocarem para fora do quarto, alguns encontrando-se já inconscientes.

2.2.5. Escolha dos Intervenientes do Projecto

Participaram neste projecto quatro crianças, com idades compreendidas entre os 5 e os 15 anos. A selecção das pessoas prendeu-se com as informações retiradas sobre as mesmas durante o período de experimentação, bem como com as opiniões e sugestões dos profissionais daquele serviço, mais concretamente das Educadoras de Infância.

Tentámos procurar pessoas prestáveis, participativas e abertas a este tipo de trabalhos, porque numa situação tão complicada como a saúde de alguém, nem todas as pessoas são receptivas e reagem bem, por isso a ajuda das educadores foi importante na selecção das crianças.

Primeiro comunicava-se aos familiares as informações respeitantes ao projecto e nunca directamente às crianças. De seguida, e depois da aceitação dos respectivos encarregados de educação, conversava-se com as crianças, pois para o projecto acontecer teria que se ter aprovação de ambas as partes.

A escolha das crianças foi ponderada com muito cuidado. Tinham que ser crianças que demonstrassem interesse pelo projecto ou pelo menos compreendessem a importância do trabalho e tivessem noção da responsabilidade quando aceitassem participar nele. Também tivemos que apurar o sentido de responsabilidade que estas crianças teriam, pois iriam ser colocadas máquinas fotográficas nas suas mãos, e para além de terem que “trabalhar”, também deveriam mostrar cuidado com o material.

2.2.6. Elevação dos Doentes à Condição de Fotógrafos – Foto Terapia

Ao longo do desenvolvimento do trabalho verificamos o empenho e interesse das crianças no presente projecto, e com o evoluir do mesmo, consideramos que seria interessante colocá-los também a fotografar. Decidimos então que as crianças passariam a participar no projecto não só como o próprio “assunto” retratado, mas também como fotógrafos.

Foi-lhes pedido para fotografarem dentro do mesmo tema, mas com as mesmas preocupações de preservação de identidade. Foi-lhes dada toda a liberdade técnica, estética e de conteúdo. Inicialmente explicámos como funcionavam as máquinas fotográficas, assim como se forneceram algumas noções fotográficas básicas.

As máquinas disponibilizadas para fotografarem eram compactas e bastante simples, pois tínhamos a noção que fornecer máquinas profissionais para crianças que não têm qualquer tipo de conhecimento em fotografia seria uma decisão errada.

Esta ideia ganhou força com as informações pesquisadas, pois entre os autores/fotógrafos encontrados estava *Jo Spence*, que para além de ter desenvolvido um trabalho muito importante na sua carreira com o mesmo tema, criou ao mesmo tempo o conceito de foto terapia, o qual consiste precisamente no acto de usar a fotografia ou o acto de fotografar como forma de “alívio” e ajuda a vários níveis, mas também como entretenimento e forma de demonstrar ideias e sentimentos.

Desta forma, e partindo da mesma lógica de *Jo Spence*, as crianças ao fotografarem seriam expostas a várias questões, nomeadamente o porquê de estarem a fotografar determinada situação/objecto, o que faria com que as suas imagens não fossem desprovidas de contexto. Não se pretendia curá-los através do uso da máquina fotográfica ou da visualização das imagens, mas sim dar voz a sentimentos, vontades, tristezas ou dúvidas que pudessem ser materializadas em forma de imagem, e também servir de distracção de forma pedagógica para a doença.

3. Estado da Arte

3.1. Jo Spence e a Foto Terapia

Jo Spence foi uma fotógrafa Britânica, nasceu em 1934 e morreu em 1992. As suas imagens mais conhecidas são auto-retratos sobre a sua própria luta contra o cancro da mama, pois aos 46 anos foi-lhe diagnosticada a doença e foi a partir daqui que o trabalho "*A Picture of Health?*" começou a ganhar forma.

Começou por trabalhar como fotógrafa de estúdio, mas mais tarde, na década de 70, começou por documentar situações de trabalho relacionadas com algumas das suas preocupações políticas. Socialista e feminista, trabalhou sempre para representar os seus ideais através da fotografia.

"*A Picture of Health*" é um projecto que pretende ser uma resposta à sua doença através da fotografia, onde canaliza as suas pesquisas e sentimentos sobre o cancro da mama numa exposição fotográfica. Esta exposição foi bastante importante e deu origem a uma série de artigos e palestras sobre o assunto, pois o seu trabalho levantava questões muito relevantes. Através da sua experiência do tratamento do cancro, conseguiu transmitir a visão do que é ser paciente para os médicos, pois uma das preocupações presentes nas suas imagens seria as relações entre médico e paciente.



Fig.10

Na imagem anterior, *Jo Spence* exemplifica a vulnerabilidade do que é ser paciente, ao expor-se a fazer uma mamografia, mostrando assim a sua fragilidade e vulnerabilidade enquanto ser/mulher doente, principalmente, porque a sua doença afecta um dos símbolos corporais mais femininos, o peito.

Jo Spence durante a sua doença serviu-se da foto terapia, que consiste em usar literalmente a fotografia, no seu caso para enfrentar a crise emocional criada pela doença. Através da foto terapia, ela explicava como se sentia enquanto paciente, e a sua impotência em relação à situação. Explicava igualmente a sua relação com os médicos e enfermeiros, bem como questões ligadas à sua luta para permanecer enquanto ser individual no mesmo “pé de igualdade” que as pessoas que comandavam a sociedade.

A representação do corpo, especialmente o feminino na doença e na saúde foi motivo de preocupação especial para *Jo Spence*, tanto como paciente como feminista. Muitos dos seus trabalhos têm sido uma crítica sobre a forma/corpo feminino ser visto como um objecto de prazer para o sexo masculino, por isso mesmo ela preocupava-se com o facto de o peito ser visto como um objecto de desejo, um meio para alimentar bebés e por causa da sua doença, uma posse que foi colocada nas mãos de um hospital.

Fig.11



Por esta questão na imagem ao lado, vemos escrito com caneta “Propriedade de *Jo Spence*”, onde podemos compreender que a fotógrafa questiona os direitos sobre o seu próprio corpo, sendo, desta forma, uma metáfora para a luta das mulheres em tornarem-se sujeitos activos, pois na história da arte é recorrente ver-se a preocupação com o corpo feminino, sendo este visto como um sujeito passivo pela visão do sujeito activo que é o artista masculino.

As imagens pertencentes a este trabalho são, por vezes, bastante chocantes, podendo ser consideradas não aceitáveis visualmente, principalmente

porque mostra-nos fotografias de algo delicado e que provavelmente não estamos habituados a observar.

Neste trabalho existe uma forte crítica social à forma como a sociedade vê o corpo e aquilo que é considerado “normal”. Assim, *Jo Spence*, mostra em algumas imagens as suas cicatrizes e o corpo deformado, que não são consideradas socialmente desejáveis, contrastando com imagens de pose, ou seja, um lado mais sensual. Ela mostra através desta diferença de imagens, a sua luta entre a sua aparência real e a representação de como a mulher deveria ser vista, demonstrando assim que é contra este tipo de imposição da sociedade, que faz com que a realidade seja escondida e negada, transformando as pessoas em objectos ou bonecos perfeitos.

Este projecto, apesar de autobiográfico, é muito importante para compreender como um trabalho fotográfico consegue abordar em paralelo questões de saúde, sociais e políticas. Com este trabalho *Jo Spence* conseguiu alertar consciências e explorou a problemática das relações profissionais de saúde/paciente e as emoções do que é estar doente. Foi também uma forma de confrontar um problema que a podia estigmatizar e enfraquecer, mas em vez disso permitiu-lhe ter controlo da sua imagem.

3.2. Nicholas Nixon: “People with Aids”

Nicholas Nixon é um fotógrafo Americano nascido em 1947.

Em 1969 concluiu uma licenciatura em Inglês e em 1974 frequentou a Universidade do México para obter um M.F.A. (*Master in Fine Arts*). A sua primeira exposição foi no Museu da Arte Moderna em 1976.

Para este autor as referências mais relevantes são *Edward Weston* (1886-1958) e *Walker Evans* (1903-1975). Foi sob estas influências que *Nixon* começou a trabalhar com câmaras de grande formato pois também permitia-lhe imprimir directamente dos negativos, mantendo a clareza e integridade da imagem.

Os seus trabalhos e as suas imagens tinham, muitas vezes, um cunho social, mas não havia da parte dele uma aspiração em ser como os grandes nomes da fotografia, como era o caso de *Lewis Hine* (1874-1940) ou *Dorothea Lange* (1895-1965).

Foram vários os trabalhos de *Nixon* que tiveram bastante reconhecimento, mas para este projecto específico interessa explorar um em particular: “*People with Aids*”. Este projecto

começou a ser executado em 1986 e consiste numa série de retratos de diferentes pessoas que contraíram o vírus da sida, mostrando a debilidade e a devastação criada pela doença. As fotografias foram tiradas durante um período de vários meses e foram executadas com uma câmara de grande formato de 8x10 polegadas. O tema pode ser diferente em comparação com o presente projecto, mas tem muitas semelhanças no que toca a mudanças físicas e psicológicas, bem como a questão da proximidade da morte em ambas as doenças.

Na época em que estas imagens foram expostas, gerou-se uma grande controvérsia e revolta por parte de várias pessoas e mesmo de algumas entidades, que exigiam representações mais positivas da doença e que não concordavam com a ligação directa à morte. Actualmente, as suas imagens são consideradas histórica e esteticamente muito importantes.

Este trabalho deu origem a um livro, e neste foram contadas histórias de 15 pessoas cujas palavras e imagens mostram o que vai acontecendo com os seus corpos, assim como o que lhes vai na alma enquanto são confrontados com a proximidade da morte. *“People with Aids”* revela o que é ter e viver com a doença, bem como o que ela provoca também aos amigos e familiares das pessoas afectadas, tal como é afirmado na introdução do livro referente a este projecto:

“It is about what happens to the body and the spirit as a person, a young person, faces the certainty and the unfamiliar hugeness of death”³.

“É sobre o que acontece com o corpo e o espírito enquanto pessoa, uma pessoa jovem que enfrenta a certeza e a desconhecida imensidão da morte”.

Uma das situações importantes neste trabalho prende-se com a “pose” para a fotografia. No começo de cada grupo de imagens de cada pessoa, é evidente um esforço em fazer “pose” para a câmara, muitas vezes forçada ou desajeitada. Nas imagens finais de cada grupo, esse esforço ou até desconforto em ter que “posar”, transforma-se em abandono. O

³ O livro chama-se *“People with Aids”* e mostra uma selecção de um trabalho elaborado por Nicholas Nixon. As fotografias presentes foram executadas por ele e o texto pela sua mulher Bebe Nixon. O livro foi editado em 1991. NIXON, Nicholas; NIXON, Bebe – *People with Aids*. [Em linha]. Boston: David R. Godine, Publisher, INC, 1991. [Consultado em 1 de Março de 2010]. Disponível em:

http://books.google.pt/books?id=zyUYEa6sOioC&printsec=frontcover&dq=nicholas+nixon+people+with+aids&source=bl&ots=ve5Yg4aypJ&sig=fRKdzL8QcWQ__qntXsf9bQ2tfvw&hl=pt-PT&ei=eBL0S8bzH9-IsQbCmYZZDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false.

elemento mais evidente desse abandono será o olhar desprendido de qualquer interesse, muitas vezes com os olhos postos no infinito ou então até a inexistência de reacção perante a câmara como se ela fosse invisível. Esse abandono é resultado da evolução da doença e é algo evidente em todas as pessoas retratadas.

Thomas Moran, foi uma das pessoas retratadas por *Nixon*. Essa passagem da “pose” para o olhar vago como se a câmara não estivesse lá é bem evidente.

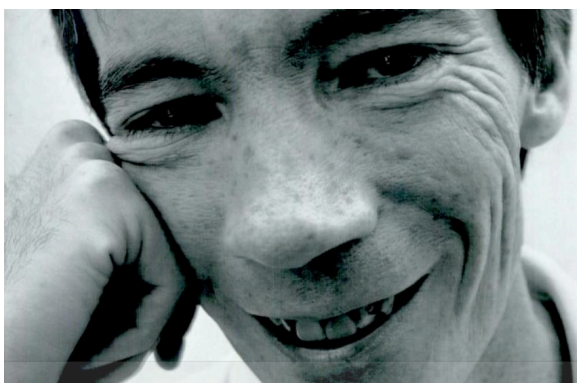


Fig.12



Fig.13



Fig.14

As imagens anteriores foram colocadas por ordem cronológica, sendo a primeira executada ainda no início da doença, e a última um mês antes da sua morte. Na primeira imagem vemos uma pose de certa forma alegre, pois ainda se consegue observar um sorriso. Na segunda, vê-se mãe e filho abraçados como se estivessem a dar conforto um ao outro. Já na última imagem aqui colocada, para além da degradação física bastante evidente, o olhar do retratado é completamente vazio, sem qualquer interesse ou reacção perante a câmara. A primeira e a última imagem são completamente opostas, mostrando precisamente a evolução física e psicológica da doença.

As imagens apresentadas no livro representam apenas uma selecção do que foi todo o projecto. Representam, assim, imensas horas de conversas, cartas, e muitas mais fotografias das vidas destas pessoas, as quais não se importaram de partilhar.

Nas fotografias de *Nixon* parece haver uma transparência e “limpeza”, ou seja, elas são desprovidas de qualquer tipo de influências de estilos que façam desviar a atenção do assunto. Tal como uma das suas influências, *Walker Evans*, ele sabia que não era necessário adoptar qualquer estilo ou efeitos dramáticos para agarrar a atenção do público:

“Like Evans, Nixon has perfected a style that seems to be no style at all”⁴.

“Como Evans, Nixon aperfeiçoou um estilo que parece não ser estilo nenhum”.

Neste trabalho, os textos que antecedem as imagens são muito importantes, pois para além das imagens, são uma representação fidedigna das suas histórias. Deste modo, é igualmente apresentada uma forma de dar voz mais directa (já que o texto apresenta-se em discurso directo) e de mostrar os seus desabafos. É notório que *Nixon* não trata os intervenientes no projecto como se fossem espécimes de uma qualquer experiência. É visível pelas imagens captadas que existiu uma intimidade grande, pois *Nixon* seguia estas pessoas para toda a parte, estando presente até no momento das suas mortes, mostrando assim, um lado muito importante da fotografia documental, a ligação entre o fotógrafo e o(s) “sujeito(s)” fotografado(s).

4 Excerto retirado de um capítulo do livro “*Crisis of the Real: Writings on Photography since 1974*” de *Andy Grundberg*. GRUNDBERG, Andy – *Nicholas Nixon’s People, with Aids*. In GRUNDBERG, Andy – *Crisis of the Real: Writings on Photography since 1974*. 2nd Edition. New York: Aperture, 2005. ISBN 0893818550, p.209.

3.3. *Richard Avedon*

Richard Avedon, fotógrafo Americano, nasceu em 1923 e morreu em 2004.

Começou a sua carreira na fotografia em 1942, a tirar fotografias identificativas para a marinha. Fazia retratos da tripulação com uma *rolleiflex* oferecida pelo seu pai.

Em 1944 começou a trabalhar como fotógrafo de publicidade, mas, rapidamente, foi descoberto por *Alexey Brodovitch* (1898-1971), director artístico da revista de moda *Harper's Bazaar*.

No ano de 1946, *Avedon* cria o seu próprio estúdio e começa a criar imagens para revistas como a *Vogue* ou *Life*. Decidiu apostar num estilo diferente e fugir do modelo *standard* das fotografias de moda, onde as modelos apareciam sempre sem mostrarem emoções e pareciam indiferentes perante a câmara. Deste modo, apresentou imagens onde estas apareciam cheias de emoções, a sorrir e em acção, onde eram visíveis movimentos.

A fama de *Avedon* cedo se espalhou, o que lhe deu a oportunidade de fotografar imensas celebridades: entre outros fotografou nomes como *Picasso* (1912-1973), *Louis Armstrong* (1901-1971), *Bob Dylan* (1941), *Beatles* (1960), *Charlie Chaplin* (1889-1977) e *Marilyn Monroe* (1926-1962).

Os seus retratos são distinguidos facilmente pelo seu estilo minimalista. O fundo é sempre claro e as pessoas “posam” quase sempre de frente para a câmara. Outra característica das suas imagens são as reacções e emoções transmitidas pelos retratos, pois *Avedon* tentava, “conduzir” os retratados para situações desconfortáveis, abordando assim algumas questões psicológicas. Desta forma, os retratados revelavam aspectos da sua personalidade que não eram capturados fotograficamente por outros.

Apesar do seu vasto trabalho, especialmente desenvolvido ao nível do retrato e de personalidades bastante conhecidas, interessa-nos explorar uma série de retratos que realizou do seu pai (também fotógrafo), e que lutou durante alguns anos contra o cancro. O trabalho “*Jacob Israel Avedon*” é constituído por uma série de nove retratos executados ao longo de vários anos, onde conseguimos perceber a degradação física. Começando num retrato “normal”, apenas com as marcas no rosto de algum desgaste da idade, acabando com uma imagem com o seu pai já deitado numa maca ou cama com os olhos fechados e boca aberta.

Neste trabalho, *Avedon* usa a mesma assinatura que nos seus outros retratos. Grande formato, fundo branco, não existe luz complementar, não existe “pose” construída para não

distrair e capturar as emoções cruas do seu pai, como o medo, a dor e a resignação. Não tenta suavizar a vulnerabilidade do sujeito, mesmo sendo o seu pai. Desta forma *Avedon*, não confronta apenas a vulnerabilidade e a mortalidade do seu pai, mas também da sua e até da nossa.



Fig.15



Fig.16

Fig.17



As três imagens aqui apresentadas foram executadas em momentos diferentes. A Fig. 15 foi executada numa fase inicial, a Fig. 16 numa altura intermédia, e a Fig. 17 no ano da morte do seu pai. Aqui são visíveis as diferenças, principalmente, entre a primeira e a última imagem, sendo que na última, parece possível visualizar um medo agonizante na sua cara e um brilho de terror nos seus olhos, acentuado por uns olhos mais “esbugalhados” se comparados com as restantes imagens. É, igualmente,

evidente a degradação física provocada pela doença, como a perda de cabelo e a palidez do rosto.

3.4. Susan Sontag: “*Illness as Metaphor*”

Susan Sontag nasceu em 1933 e morreu em 2004 de uma leucemia mielóide aguda. Foi uma escritora, crítica de arte e activista famosa dos Estados Unidos.

Susan desde a sua adolescência que começou a aperceber-se da sua atracção por mulheres, contudo foi casada com *Philip Rieff* (1922-2006), sociólogo e crítico cultural do qual teve um filho. Mais tarde, e até ao fim dos seus dias viveu com *Annie Leibovitz*, a qual a fotografou durante a sua doença.

Licenciou-se pela Universidade de Harvard e destacou-se pela defesa dos direitos humanos. Escreveu vários livros ganhando um dos mais importantes prémios do país, o *National Book Award* com “*Against Interpretation*”, uma colecção de textos críticos escritos por ela. Publicou vários artigos também em revistas e até no jornal *The New York Times*. Considerava-se escritora (principalmente de ficção) e cineasta, mas não crítica, muito menos de fotografia.

Para este projecto em questão, explorou-se com mais pormenor uma obra de não-ficção de 1978 chamada “*Illness as Metaphor*”, obra que foi expandida dez anos depois, sendo acrescentado “*Aids and Its Metaphors*”. *Sontag*, mostra na primeira parte deste livro as ideias metafóricas existentes sobre o cancro e tuberculose, alargando, posteriormente, à SIDA na segunda parte da obra, mostrando as atitudes para com a doença formadas na sociedade, tentando desconstruí-las.

A primeira parte da obra “*Illness as Metaphor*” foi escrita durante a sua luta contra o cancro da mama. Foi uma forma de resposta à sua experiência enquanto doente e paciente, assim que notou os mitos que rodeavam a doença e que chegaram a ter um impacto negativo nela enquanto doente. As metáforas associadas à doença contribuem para estigmatizar tanto a própria doença, como aqueles que sofrem dela, levando-a a afirmar que, provavelmente, as metáforas e os mitos causam mais fatalidade do que a doença em si, assim como escreveu no início do livro:

*“My point is that illness is not a metaphor, and that the most truthful way of regarding illness – and the healthiest way of being ill.”*⁵

“A minha questão é que a doença não é uma metáfora, e é a forma mais verdadeira de “ver” a doença – e a mais saudável de estar doente”.

A autora tenta encontrar as similitudes que a generalidade das pessoas acredita nesta doença com a tuberculose, fazendo então uma comparação entre todo o simbolismo

5 SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor*. In SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988,1989. ISBN 0-312-42013-7, p. 3.

existente em torno de uma doença do século anterior a esta obra, e todos os medos e histórias em torno de uma doença, ainda pouco conhecida, considerada a mais perigosa do século XX, como ela demonstra no livro:

“TB was thought to be an insidious, implacable theft of life. Now it is cancer’s turn to be the disease that doesn’t knock before it enters (...) a role it will keep until, one day, its etiology becomes as clear and its treatment as effective as those of TB have become.”⁶

“A TB pensava-se ser um implacável e traiçoeiro roubo da vida. Agora é o cancro que se transforma na doença que não bate à porta antes de entrar (...) um papel que irá manter, até um dia, a sua etiologia se tornar tão clara e o seu tratamento tão efectivo como a TB se tornou”.

Na citação anterior, *Sontag* demonstra uma espécie de esperança que se baseia no seguinte: os mitos e metáforas em relação ao cancro desapareceram e a doença deve tornar-se mais “aceitável” e fácil de compreender e tratar como aconteceu com a tuberculose.

Um dos mitos abordados é o facto da palavra cancro não poder ser proferida, quase como se ao dizer a palavra se criasse uma maldição ou se pudesse até agravar o estado de uma pessoa, fazendo a comparação com a tuberculose, que numa altura em que a doença era mais temida, o respectivo nome não era dito. Esta foi uma situação também verificada no IPO, e embora seja um livro de 1978, existem alguns paralelismos com os dias de hoje. Durante toda a experiência, poucas foram as vezes em que a palavra “cancro” apareceu numa conversa, especialmente de familiares de doentes, funcionava quase como uma forma de protecção do familiar em questão.

Susan, aborda ainda o facto de em alguns países ser um procedimento comum contar o diagnóstico aos familiares dos doentes, mas não aos doentes. *Sontag* encontra uma explicação para esta situação, afirma que terá que ver com a forma como as sociedades vêem e encaram a morte:

⁶ SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor*. In SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988,1989. ISBN 0-312-42013-7, p. 5.

“All this lying to and by cancer patients is a measure of how much harder it has become in advanced industrial societies to come to terms with death.”⁷

“Toda esta mentira para e sobre os doentes com cancro é uma medida do quanto se tornou difícil nas sociedades industriais avançadas de chegar a um acordo com a morte”.

Nos dias de hoje, e como a doença ainda é considerada um sinónimo da morte, no IPO também o diagnóstico era, muitas vezes, escondido por opção da família (principalmente no caso de crianças), ou então o estado do doentes não era totalmente revelado ao próprio (como no caso dos doentes paliativos).

Nas páginas seguintes, é possível ver uma série de comparações entre os mitos de ambas as doenças, com referências ao aparecimento delas (possíveis causas) e até sintomas, como ela própria afirma:

“As once TB was thought to come from too much passion, afflicting the reckless and sensual, today many people believe that cancer is a disease of insufficient passion, afflicting those who are sexually repressed, inhibited, unspontaneous, incapable of expressing anger.”⁸

“Pensava-se que a TB advinha de paixão a mais, afligindo os imprudentes e os sensitivos, hoje muitas pessoas acreditam que o cancro é uma doença de paixão insuficiente, afligindo aqueles que são sexualmente reprimidos, inibidos, não espontâneos, incapazes de exprimir raiva”.

Assim sendo, o aparecimento do cancro teria sempre que ver com algum estado de repressão da pessoa.

Outro ponto que é bastante interessante nesta primeira parte do livro, será a parte em que Susan disserta sobre o mito da personalidade/carácter de uma pessoa poder despoletar a doença:

⁷ SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor*. In Sontag, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988,1989. ISBN 0-312-42013-7, p.8.

⁸ SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor*. In Sontag, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988,1989. ISBN 0-312-42013-7, p.21.

“With the modern diseases (once TB, now cancer), the romantic idea that the diseases expresses the character is invariably extended to assert that the character causes the disease”.⁹

“Com as doenças modernas (antes TB, agora o cancro), a ideia romântica que as doenças expressam o carácter, é invariavelmente extendida para afirmar que o carácter causa a doença”.

Conforme demonstra nas páginas seguintes, existem investigações e artigos (que se referem uns aos outros, e a informação circula sempre em torno dos mesmos), que afirmam que a maior parte dos doentes com cancro estavam deprimidos, insatisfeitos com as suas vidas e sofreram uma perda, remetendo para esta espécie de “sintomas” ser a causa da doença. *Susan Sontag*, demonstra linhas mais abaixo que inúmeras pessoas que não são portadoras da doença também têm os seus momentos e emoções depressivas e traumas passados, sendo isto uma característica/condição do ser humano, tirando qualquer conexão destes sentimentos com o cancro.

⁹ SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor*. In Sontag, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988, 1989. ISBN 0-312-42013-7, p.21.

4. Foto Terapia

A forma mais usual de se compreender a narrativa de uma doença será a oralidade e a forma escrita (textos científicos, entre outros), mas, neste capítulo mostra-se através da fotografia uma nova forma de dar “voz” a determinadas questões ligadas à doença, bem como aos próprios doentes (sentimentos, medos, vontades, entre outros). É portanto uma forma de nos fazer sentir bem e de libertar emoções.

Neste trabalho a foto terapia é usada como uma forma de entender as suas experiências, como vivem com a doença, através da sua própria visão e também uma forma de entretenimento e pedagogia, pois aprendem uma nova arte.

As imagens ligadas a este tema podem conter informações sobre tratamentos, relações com pessoas (familiares, amigos, enfermeiros, voluntários, outros doentes, etc), relações com o seu próprio corpo, objectos importantes, locais exteriores ao hospital, etc. Todos os elementos referidos anteriormente inseridos nas imagens criadas por cada um, permitem ajuda a construir cada história.

A fotografia como forma de expressão pode oferecer formas únicas e poderosas de “curar” a quem a usa, pois quando se tem uma câmara presente, somos obrigados a olhar para fora de nós e a ver o mundo à nossa volta de forma diferente, com mais atenção. A palavra curar é usada não com um sentimento físico directo sobre a doença, mas sim mais a nível psicológico, que pode posteriormente sentir-se a nível do bem estar físico.

Esta ideia de utilizar a fotografia como forma de se poderem exprimir ganhou forma quando ainda em fase de pesquisa, se tomou conhecimento com o livro “*Angels and Monsters: A child’s eye view of cancer*”.¹⁰

Existia receio de que sendo crianças poderiam não ter ainda a capacidade intelectual necessária para perceber o projecto e a importância deste, e não se conseguirem exprimir através das imagens. Mas, o livro referido anteriormente, apesar de não ser constituído por imagens captadas pelas crianças (mas sim pelo fotógrafo *Billy Howard*), contém desenhos de cada um, que representam o que é a doença para eles ou então uma situação que os tivesse marcado durante aquele período. Os desenhos no livro são complementados com citações de cada criança. Conseguimos desta forma entender, que independentemente da

10 HOWARD, Billy; MURRAY, Lisa – *Angels & Monsters: A child’s view of cancer*. Atlanta, Georgia: American Cancer Society, 2002. ISBN 0-944235-22-0

idade todas elas têm algo a dizer, variando apenas a forma de expressão. Podemos ver nas imagens abaixo que uns fazem desenhos mais rudimentares e outros fazem até colagens com objectos que são usados no hospital.

Jacob, Age 5

“I’m getting a biopsy. The doctor just jabbed a little hole in my side. I had sleepy medicine. He was searching for leukemia. I have leukemia now but I still fell like a regular kid.”¹¹

“Estão a fazer-me uma biópsia. O médico golpeou um pequeno buraco de lado. Deram-me medicamentos para dormir. Ele estava à procura de leucemia, eu tenho leucemia agora, mas sinto-me como uma criança normal”.



Fig.18

Amanda, Age 14

“I’m sick of seeing this stuff.”¹²

“Estou cansada de ver estas coisas”.



Fig.19

11 HOWARD, Billy; MURRAY, Lisa – Angels & Monsters: A child’s view of cancer. Atlanta, Georgia: American Cancer Society, 2002. ISBN 0-944235-22-0, p. 12.

12 HOWARD, Billy; MURRAY, Lisa – Angels & Monsters: A child’s view of cancer. Atlanta, Georgia: American Cancer Society, 2002. ISBN 0-944235-22-0, p. 18.

A foto terapia pode proporcionar oportunidades de desenvolvimento pessoal, criatividade, expressão individual, aprender novas capacidades e melhorar a auto-estima, tudo isto, porque ao fotografar, somos “obrigados” a parar, pensar e raciocinar. A fotografia transforma-se, assim, numa ferramenta de comunicação e expressão. O uso da máquina fotográfica permite conhecer-nos a nós próprios (ou a quem fotografa) e permite mostrar as representações, impressões e experiências ao outro.

A foto terapia pode e deve incluir: o “acto de fotografar”, olhar para as imagens fotografadas, editar as imagens, falar sobre elas, mostrá-las aos outros, fotografar em conjunto com familiares e amigos e criar álbuns ou livros, deve funcionar ainda como forma de distração e lazer.

4.1. Análise de Imagens Captadas pelos Doentes

O objectivo principal de se ter colocado as crianças a fotografar foi pela possibilidade de lhes dar expressão e perceber o que sentem, sendo que seriam elas próprias a dar-nos essa informação. A parte terapêutica, positiva e de bem estar psicológico ou físico que poderiam retirar da fotografia, seria uma consequência do trabalho realizado.

Os doentes fotografaram muitas vezes sozinhos, desta forma, cada vez que eram questionados sobre o que fotografaram, as respostas eram precisas e as imagens tinham uma lógica e um contexto, já que eram eles próprios que escolhiam o que queriam que ficasse registado, logo era porque teriam algo a dizer para eles.

Devido à liberdade que lhes foi concedida ao fotografarem, é fácil encontrar uma repetição de objectos ou situações nas imagens, apesar de serem de diferentes crianças. Encontramos um padrão que permite compreender a importância que determinadas situações têm para eles e determinar algumas conclusões, que apesar de serem indivíduos diferentes, existem preocupações e sentimentos comuns.

Nas imagens captadas pelos doentes é visível a vontade de mostrar algo deles, de aparecerem, através do registo de partes do corpo, quase como se quisessem marcar a sua presença, mas sempre com a limitação de não se identificarem.

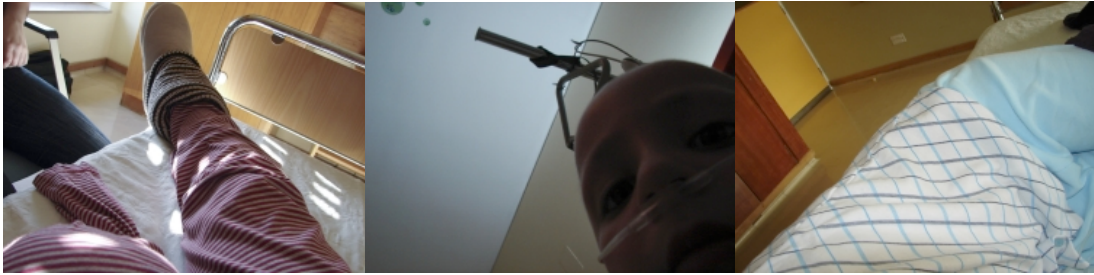


Fig.20

Fig.21

Fig.22

Em relação aos objectos fotografados, os botões para chamar os enfermeiros, encontram-se em várias imagens. Estes botões encontram-se em vários sítios do serviço e todos eles mostraram a importância daquele botão fotografando-os mais do que uma vez. O botão é usado para qualquer tipo de auxílio que os doentes necessitem.



Fig.23

Fig.24

Fig.25

Desde sempre as crianças mostraram interesse em fotografar a pessoa que os estava a fotografar. Acabamos por criar laços e relações de afectividade próprias do tempo passado no serviço. Desta forma, o próprio elemento “fotógrafo” iria fazer parte do projecto, mostrando de certa forma, a importância que aquela pessoa desconhecida inicialmente passou a ter nas suas vidas.



Fig. 26

Fig. 27

Fig. 28

Para além dos assuntos e objectos comuns, cada criança fotografava elementos que tivessem importância apenas para eles, fosse um brinquedo, consequências da doença, aulas e os estudos ou até a sala de brinquedos do serviço.

Dependendo da idade, da personalidade e da gravidade da doença aquilo que os diferenciava tornava-se por vezes, muito evidente. Por exemplo a criança mais pequena

adorava ver televisão e jogar *playstation*, enquanto que a mais velha esforçava-se para continuar a acompanhar as aulas da escola através de *skype*, sendo nestes dois casos notório que as preocupações e ocupações variam consoante a idade. A gravidade da doença também concebeu resultados diferentes, enquanto a criança que teve uma recuperação mais rápida e passava os dias na sala de brinquedos, fotografava constantemente esse espaço, a criança que teve que amputar a perna fotografava momentos ou objectos que evidenciassem a sua condição.



Fig. 29

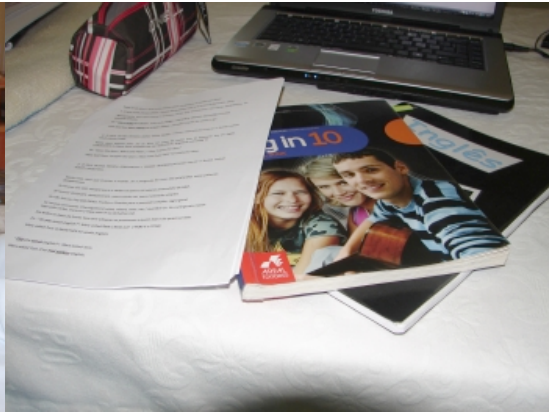


Fig. 30



Fig. 31



Fig. 32

5. Documental vs Reportagem

Parece-nos importante abordar a problemática dos parâmetros que caracterizam a fotografia documental e a reportagem ou fotojornalismo, pois ao longo do projecto, muitas foram as discussões sobre as diferenças e semelhanças entre estas áreas.

Quando se discute sobre o documental e o fotojornalismo, os conceitos de verdade, realidade, ética, integridade e conteúdo estão sempre ligados, principalmente pelo facto de, muitas vezes, não se saber o que se pode ou não fazer em cada uma das áreas.

No fotojornalismo entende-se que a fotografia funciona como registo e descrição da realidade imediata, logo pressupõe-se que aquilo que vemos será o mais próximo e possível à realidade, mostrando como principal diferença em relação à fotografia documental, a não alteração posterior da imagem captada. A parte polémica desta questão, é que um fotógrafo ao escolher um enquadramento já está a alterar o significado à realidade, pelo menos está a retirar aquele “pedaço” do seu contexto, fazendo uma escolha, por isso é que as palavras “próximo e possível à realidade” são tão importantes para perceber que nada é exacto e que dependerá sempre da “escolha” e enquadramento do fotógrafo, sendo este que no fundo “cria” a realidade que nos chega posteriormente através das suas imagens.

Tanto na fotografia documental como no fotojornalismo, podemos encontrar os mesmos parâmetros do real. Mas, e como referimos anteriormente, existe uma grande diferença que distingue a fotografia documental do fotojornalismo. No documental é permitido mostrar a realidade ou um conceito/tema que se quer transmitir, encenando, fazendo fotomontagem, sem nunca deixar de ser real. No caso do fotojornalismo, não é considerado ético alterar, manipular uma fotografia posteriormente à sua concepção, correndo o risco de se considerar falsa, não correspondendo à realidade.



Fig.33

As imagens em cima mostram precisamente a questão abordada no parágrafo anterior. Este tríptico foi realizado durante o 1º ano de Mestrado num workshop com o fotógrafo e Professor *John Goto*, onde foram discutidas questões sobre o real no documental e o que

seria ou não permitido fazer. Desse workshop resultou o projecto “*Crime Scene*”, com origem num trabalho documental sobre o Parque Mayer, acabando as três imagens de base transformadas (através de fotomontagem) num trabalho documental sobre violência doméstica sobre as mulheres. O facto de ser fotomontagem poderia tirar o estatuto de documental ao trabalho? Não, pois a ideia, o conceito são reais, existem, e é o que se pretende transmitir com o trabalho.

Neste caso, o trabalho realizado no IPO não se assemelha a nível estético, conceptual ou técnico ao trabalho referido anteriormente, a única questão em comum é que são ambos projectos documentais.

6. Exposição das Imagens

O trabalho Paliativo Fotográfico terá duas formas possíveis de ser visualizado: através de imagens impressas na parede, e através de um livro, onde serão compiladas todas as imagens resultantes de um ano de trabalho.

As imagens impressas serão exibidas em quatro grupos e cada grupo será constituído por dois painéis. No total serão oito painéis de noventa centímetros de altura por dois metros e dez centímetros de largura, incluindo quinze centímetros de margem branca a toda a volta. As imagens foram impressas em *durst lambda*, papel mate, coladas em dibond de 3 mm. Os quatro grupos representam as quatro histórias das crianças que fizeram parte do projecto.

Em cada grupo vão estar representadas as imagens tiradas pela fotógrafa e pela criança correspondente, estando colocadas as da fotógrafa sempre no lado esquerdo e a da criança no lado direito, como podemos ver pelo exemplo.

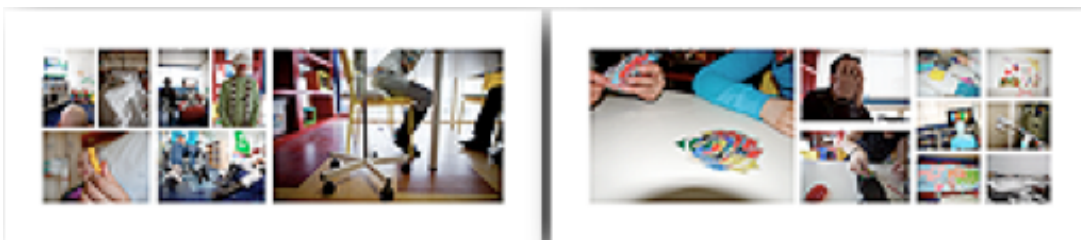


Fig.34

Cada história estará montada desta forma, permitindo ao público visualizar melhor os contraste entre pontos de vista, o de uma pessoa exterior à doença (à esquerda) e o de uma pessoa que vive com a doença (à direita).

Dentro de cada painel existirá uma montagem criada posteriormente de várias imagens relacionadas com a história daquela criança. Nessa montagem, o tamanho de cada imagem define a importância daquele registo para a história, existindo sempre uma que será a maior de todas, que é considerada a que melhor representa aquela história (seja da visão da fotógrafa ou da criança).

O trabalho chamado *“Baghdad Calling”* do fotojornalista alemão *Geert van Kesteren*, foi inspirador e ajudou a perceber como fazer funcionar as imagens tendo pontos de vista diferentes, e sendo até evidente essa diferença na qualidade de imagem e até na técnica dos registos produzidos. O trabalho referido anteriormente mistura imagens tiradas pelo fotógrafo e imagens captadas pelos habitantes muitas vezes com telemóveis, compilando

assim imagens profissionais com registos pessoais de quem viveu as situações mais de perto.

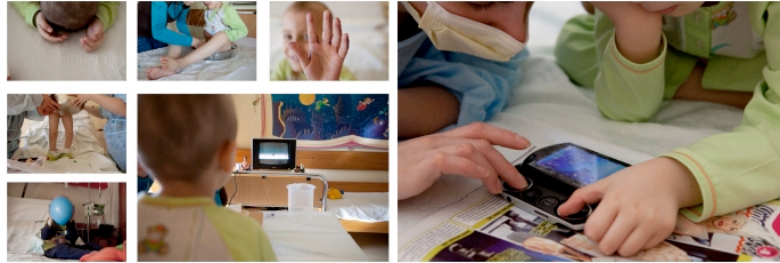


Fig.35



Fig. 36

Neste primeiro grupo, encontram-se imagens de um rapaz de 5 anos, o único elemento masculino entre os participantes do projecto. Através das suas imagens pretendemos mostrar a sua ligação com a família, principalmente com a mãe, a sua boa disposição e força, bem como a sua paixão pela *playstation* e televisão, que o entretinham cada minuto do seu dia.



Fig. 37

pretendem demonstrar a sua relação com esta nova situação e a força com que a encarou, bem como a toda a sua doença e a sua relação com a fotógrafa, sendo talvez a criança que mais se relacionou afectivamente de entre todos os participantes.



Fig. 41



Fig. 42

O último grupo de imagens representa a criança mais velha a participar no projecto, tendo na altura 15 anos. A relação afectiva criada com a fotógrafa foi mais trabalhosa e morosa, consequências não só da personalidade da criança em questão, mas também da gravidade da doença. As imagens representam a sua ligação com a escola e os estudos, a sua preocupação enorme em manter-se em constante ligação com esse mundo, apesar de passar semanas seguidas em isolamento, situação essa também documentada pelas imagens.

As imagens impressas foram seleccionadas de acordo com a história de cada um. Depois de passado tanto tempo ao lado destas crianças, o resultados das imagens é um conjunto daquilo que achamos ser a representação mais fiel de cada uma delas.

As imagens serão dispostas pela ordem que aqui foram colocadas, ou seja, pela idade das crianças, para desta forma não dar relevância a nenhuma história em particular.

Posteriormente, e devido à impossibilidade de colocar na parede todas as imagens constituintes de cada história, decidimos criar um livro, onde foram colocadas para além das imagens impressas, as restantes que ficaram de fora dos painéis.

O livro seria a opção primordial como forma de visualização do trabalho, pois permitia colocar de certa forma as histórias completas de cada criança e não apenas fragmentos das mesmas. As imagens impressas foram pensadas com o propósito de serem levadas, posteriormente à exposição final de Mestrado para o próprio hospital, possibilidade esta ainda a estudar com a administração do mesmo. Assim sendo, pensa-se que esta forma de exibição do trabalho será mais apelativa dentro do espaço da instituição e funcionará melhor do que o formato livro, onde as pessoas que se deslocam ao hospital provavelmente não têm muito tempo para dispensar para folhear um livro.

Fora do hospital, o formato livro será aquele que funcionará melhor, que reúne mais informação sobre cada criança, compilando variadas situações do quotidiano como nos propusemos a captar. Em comparação com as imagens impressas, no formato livro estas demonstram a maior proximidade da fotógrafa com as crianças, não só pelas imagens adicionadas, mas também pela mistura e alguma “confusão” sobre de quem são as imagens que vemos, ou seja, se estas foram criadas pelas crianças ou pela fotógrafa.

7. Conclusão

Concluído este projecto, conseguimos perceber que a escolha do IPO como “local de estudo” foi a melhor opção. A decisão de trabalhar com crianças foi arriscada mas ao mesmo tempo compensadora. Arriscada, porque devido à pouca experiência de vida poderia não se obter os resultados devidos, e compensadora porque esses receios foram completamente “esmagados” pelo interesse, dedicação e disponibilidade demonstrado pelas crianças e familiares.

A captação e documentação das variadas situações do dia-a-dia foi executada com sucesso, devido à presença quase constante da fotógrafa na vida hospitalar deles, conseguindo e só desta forma, perceber cada história, envolvendo-se assim profundamente em cada uma delas. Assim sendo, conseguimos captar o que nos tínhamos proposto fazer, mostrar as características da doença especialmente em idades tão jovens, mas também não deixando de parte as suas individualidades próprias de cada idade ou personalidade.

Tal como inicialmente tínhamos previsto, a presença, a comunicação e a criação de laços neste projecto foi de extrema importância. Se esta metodologia não tivesse sido usada correctamente, o trabalho não iria demonstrar os resultados pretendidos, poderia até levar a outro projecto completamente diferente.

O resultado final das imagens, só veio reforçar a importância que a fotografia e este projecto tiveram na vida das crianças e também da fotógrafa, e também ao menos tempo, a importância das imagens deles para este projecto. O conceito de foto terapia usado neste trabalho, demonstrou que pode ser um excelente meio de comunicação com os outros e uma forma de abstracção nos piores momentos.

Em relação à base teórica, depois de concluído o projecto, é ainda mais fácil perceber os nomes que foram de facto importantes para a construção do mesmo: *Jo Spence*, *Richard Avedon*, *Nicholas Nixon* e *Susan Sontag*. Imagens, textos criados pelos próprios ou por críticos sobre os seus trabalhos, ajudaram a criar uma sustentação e segurança à medida que se desenvolvia o projecto, informando, inspirando e até respondendo às várias questões que foram surgindo.

Este trabalho trouxe uma aprendizagem enorme a vários níveis: ao nível humano, pois numa situação destas era impossível deixar de parte as emoções, principalmente depois de se criar empatia com as pessoas. Ao nível da fotografia e do documental, não só pelas

pesquisas e leituras efectuadas, mas também pela própria evolução ao longo do projecto do conceito de fotografia documental e da forma de ver a realidade.

8. Fontes e Bibliografia

8.1 Fontes Iconográficas



Fig.1 (p. 9, Capítulo 2)
Ron Bernardo
"Will to fight", 30 de Abril de 2007
Formato Digital
http://www.pbase.com/ronnik_d70/cancer_project.

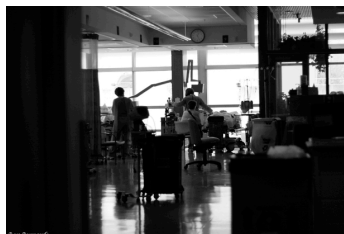


Fig.2 (p. 10, Capítulo 2)
Ron Bernardo
"Chemo Ward", 30 de Abril de 2007
Formato Digital
http://www.pbase.com/ronnik_d70/cancer_project.



Fig.3 (p. 10, Capítulo 2)
Ron Bernardo
"Cancer & the Lord's prayer", 30 de Abril de 2007
Formato Digital
http://www.pbase.com/ronnik_d70/cancer_project.
[Consultado em 3 de Setembro de 2009]

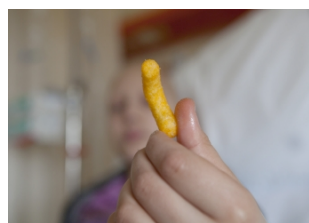


Fig.4 (p.11, Capítulo 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.5 (p.11, Capítulo, 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.6 (p. 11, Capítulo 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.7 (p.11, Capítulo 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.8 (p. 11, Capítulo 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.9 (p.11, Capítulo 2)
Liliana Nicolau
s/t 2010
Formato Digital



Fig.10 (p.18, Capítulo 3)
Jo Spence
"A picture of health?", s/d
<http://hosted.aware.easynet.co.uk/jospence/jo1.htm>



Fig. 11 (p.19, Capítulo 3)
Jo Spence
"A picture of health?", s/d
<http://hosted.aware.easynet.co.uk/jospence/jo3.htm>

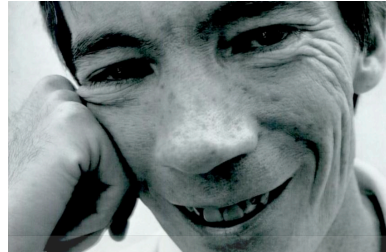


Fig.12 (p.22, Capítulo 3)
Nicholas Nixon
"People with Aids", Massachusetts, Julho, 1987
Grande Formato
Livro online "People With Aids"



Fig.13 (p.22, capítulo 3)
Nicholas Nixon
"People with Aids", Massachusetts, Agosto de 1987
Grande Formato
Livro online "People With Aids"

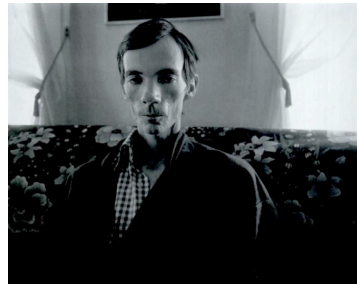


Fig.14 (p.22, capítulo 3)
Nicholas Nixon
"People with Aids", Massachusetts, Janeiro de 1988
Grande Formato
Livro online "People With Aids"



Fig.15 (p.25, Capítulo 3)
Richard Avedon
Jacob Israel Avedon, Sarasota, Florida, 6 de Outubro de 1969
Grande Formato
<http://www.richardavedon.com/>



Fig.16 (p.25, Capítulo 3)
Richard Avedon
Jacob Israel Avedon, Sarasota, Florida, 19 Dezembro, 1972
Grande Formato
<http://www.richardavedon.com/>

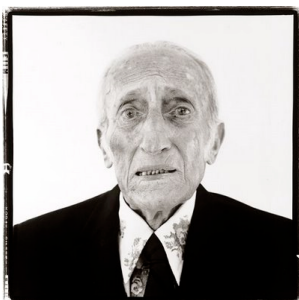


Fig.17 (p.25, Capítulo 3)
Richard Avedon
Jacob Israel Avedon, Sarasota, Florida, 25 de Agosto de 1973
Grande Formato
<http://www.richardavedon.com/>



Fig.18 (p.31, Capítulo 4)
Billy Howard/Jacob
s/t
Livro "Angels & Monsters: A child's eye view of cancer"



Fig.19 (p.31, Capítulo 4)
Billy Howard/Amanda
s/t
Livro "Angels & Monsters: A child's eye view of cancer"



Fig.20 (p.33, Capítulo 4)
D., 14 anos
s/t, 2010
Formato Digital

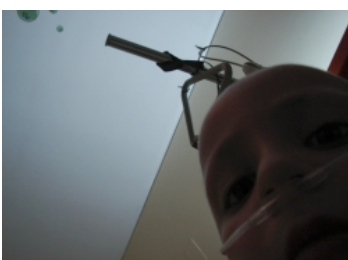


Fig.21 (p.33, Capítulo 4)
R., 5 anos
s/t, 2010
Formato Digital

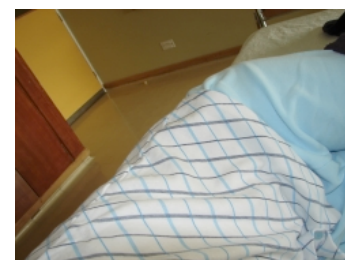


Fig.22 (p.33, Capítulo 4)
T., 15 anos
s/t, 2010
Formato Digital

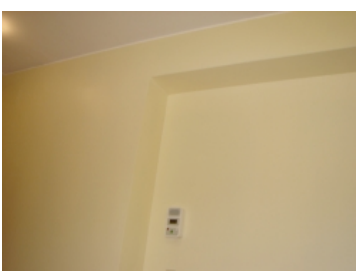


Fig.23 (p.33, Capítulo 4)
R., 5 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.24 (p.33, Capítulo 4)
R., 5 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.25 (p.33, Capítulo 4)
T., 15 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.26 (p.33, Capítulo 4)
D., 14 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.27 (p.33, Capítulo 4)
R., 5 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.28 (p.33, Capítulo 4)
T., 15 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.29 (p.34, Capítulo 4)
R., 5 anos
s/t, 2010
Formato Digital

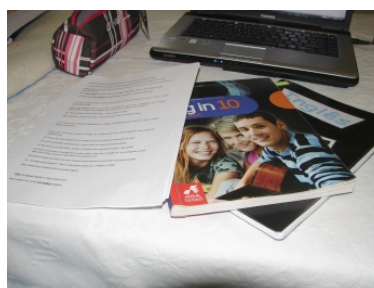


Fig.30 (p.34, Capítulo 4)
T., 15 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.31 (p.34, Capítulo 4)
C., 11 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.32 (p.34, Capítulo 4)
D., 14 anos
s/t, 2010
Formato Digital



Fig.33 (p.35. Capítulo 5)
Liliana Nicolau
"Crime Scene", 2009
Tríptico criado digitalmente

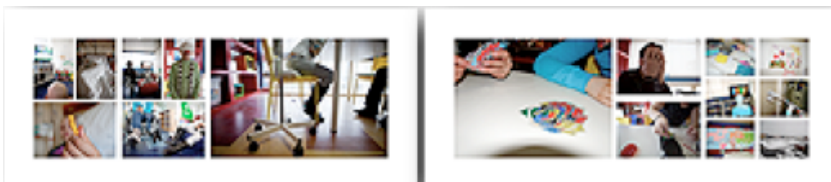


Fig.34 (p.37. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Junção de dois painéis de imagens

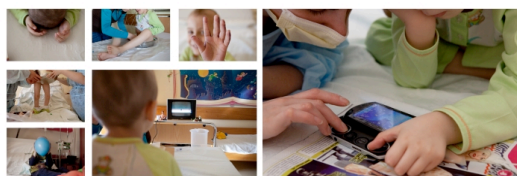


Fig.35 (p.38. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição



Fig.36 (p.38. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição



Fig.37 (p.38. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição



Fig.38 (p.39. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição

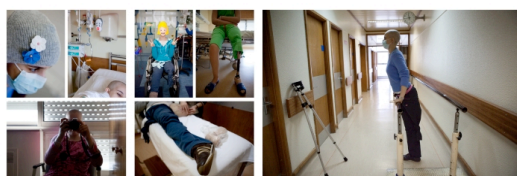


Fig.39 (p.39. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição

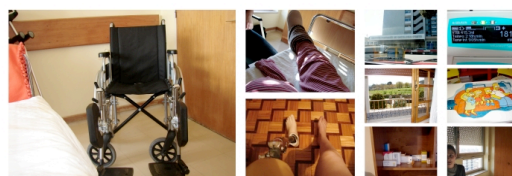


Fig.40 (p.39. Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição



Fig.41 (p.40, Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição



Fig.42 (p.40, Capítulo 6)
Liliana Nicolau
"Paliativo Fotográfico", 2010
Painel da Exposição

8.2. Fontes Bibliográficas

Bibliografia:

- ANGIER, Roswell – *Train your gaze: A practical and theoretical introduction to portrait photography*. New York: AVA Publishing SA, 2007. ISBN 2-940373-37-X.
- GRUNDBERG, Andy – Nicholas Nixon's People, with Aids. In GRUNDBERG, Andy – *Crisis of the Real: Writings on Photography since 1974*. 2nd Edition. New York: Aperture, 2005. ISBN 0893818550.
- HOWARD, Billy; MURRAY, Lisa – *Angels & Monsters: A child's view of cancer*. Atlanta, Georgia: American Cancer Society, 2002. ISBN 0-944235-22-0.
- MARTIN, Rose; SPENCE, Jo – Photo-therapy: psychic realism as a healing art?. In WELLS, Liz – *The Photography Reader*. New York: Routledge, 2003. ISBN 0-415-24661-X.
- LEIBOVITZ, Annie – *A Photographer's Life: 1990 – 2005*. New York: Random House Trade Paperbacks, 2006. ISBN 978-0-8129-7963-3.
- SONTAG, Susan – Illness as Metaphor. In SONTAG, Susan – *Illness as Metaphor and Aids and its Metaphors*. New York: Picador, 1988,1989. ISBN 0-312-42013-7.
- TAGG, John – Evidence, truth and order: photographic records and the growth of the state. In WELLS, Liz – *The Photography Reader*. New York: Routledge, 2003. ISBN 0-415-24661-X.
- VARELLA, Drauzio – *Por um fio*. Lisboa : Palavra, 2006. ISBN 989-627-007-4

Documentos Escritos:

- BATISTA, Paula Manuela Pires Marques Miguel - *Stress e Coping nos enfermeiros dos cuidados paliativos em oncologia*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2008.
- CASMARRINHA, Manuela de Jesus Linhol - *Familiares do doente oncológico em fim de vida: dos sentimentos às necessidades*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2008.
- COELHO, Cecília Maria Cardoso - *Mulheres com cancro da mama em tratamento com quimioterapia: contributos para a compreensão da sua qualidade de vida*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2008.
- CORREIA, Filomena - *Ecos em fim de vida: Representações Sociais do doente oncológico em enfermagem*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2008.
- PINTO, Cristina Freitas Carvalho Sousa – *Cuidados prestados pelo cuidador informal. Como promover a sua proficiência?*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2007.
- RITTO, Ana Cristina Fonseca Fernandes - *A dor e a prática de enfermagem: a dor como 5º sinal vital*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2006.
- RODRIGUES, Manuel António Lopes - *Qualidade de vida e satisfação com os cuidados recebidos das doentes com carcinoma da mama em tratamento com quimioterapia por via endovenosa*. [Mestrado], Porto: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, 2007.

8.3. Fontes Audiovisuais

Documentos Electrónicos

- A aura de veracidade: Ética e metafísica no fotojornalismo. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em <http://sala.clacso.edu.ar/gsd1252/cgi-bin/library?e=d-000-00---0brifchp--00-0-0--0prompt-10---4-----0-1l--1-es-Zz-1---20-about---00031-001-0-0utfZz-8-00&cl=CL2&d=HASH018c20d38a5f02be794edd3d.8&x=1>.
- Acreditar, Associação de pais e amigos de crianças com cancro. Actual. ?. [Consultado em 15 de Julho de 2009]. Disponível em <http://www.acreditar.org.pt/>.
- Aids and its Metaphors. [Em linha]. Actual. 16 de Junho de 2010. [Consultado em 30 de Janeiro de 2010]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/AIDS_and_Its_Metaphors.
- Annie Leibovitz. [Em linha] Actual. em 16 de Junho de 2010. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Annie_Leibovitz.
- Annie Leibovitz. [Em linha]. Actual. em 27 de Junho de 2010. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Annie_Leibovitz.
- Baghdad Calling. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 7 de Março de 2010]. Disponível em <http://www.baghdadcalling.com/index.html>.
- Billy Howard Photography. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 15 de Julho de 2009]. Disponível em <http://www.billyhoward.com/books/angels1.htm>.
- Dáuzio Varella. [Em linha]. Actual. 3 de Junho de 2010. [Consultado em 5 de Março de 2010]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Dr%C3%A1uzio_Varella.
- Dráuzio Varella. [Em linha]. Actual. ? [Consultado em 5 de Março de 2010]. Disponível em <http://www.drauziovarella.com.br/>.
- Dráuzio Varella tece o fim da vida em "Por um Fio". [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 5 de Março de 2010]. Disponível em http://www.todoportugues.com.ar/drauzio_varella_tece_o_fim_da_vi.htm.

- From Annie Leibovitz: Life, and Death, Examined. [Em linha]. Actual. 6 de Outubro de 2006. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em <http://www.nytimes.com/2006/10/06/arts/design/06leib.html>.
- Healing Arts Photography. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 4 de Janeiro de 2010]. Disponível em <http://healingartsphotography.net/>.
- Illness as Metaphor. [Em linha]. Actual. 16 de Dezembro de 2009. [Consultado em 30 de Janeiro de 2010]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Illness_as_Metaphor.
- IPO. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 15 de Julho de 2009]. Disponível em <http://www.ipoportor.min-saude.pt/>.
- Jacob Israel Avedon. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 4 de Janeiro de 2010]. Disponível em http://www.thejewishmuseum.org/onlinecollection/object_collection.php?objectid=3829.
- Jo Spence. [Em linha]. Actual. 27 de Abril de 2010. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Jo_Spence.
- Literature, Arts, and Medicine Database. [Em linha]. Actual. em 2 de Julho, 2010. [Consultado em 5 de Março de 2010]. Disponível em <http://litmed.med.nyu.edu/Annotation?action=view&annid=1395>.
- My Time with Susan. [Em linha]. Actual. 7 de Outubro de 2006. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2006/oct/07/photography.art>.
- Nicholas Nixon. [Em linha]. Actual. em 2010. [Consultado em 1 de Dezembro de 2009]. Disponível em <http://www.nga.gov/cgi-bin/pbio?568096>.
- Nicholas Nixon. [Em linha]. Actual. em 19 de Fevereiro de 2010. [Consultado em 1 de Dezembro de 2009]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Nicholas_Nixon.

- Nicholas Nixon: 25 Years of the Brown Sisters and New Work. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 1 de Dezembro de 2009]. Disponível em <http://www.zabriskiegallery.com/Nixon/TBS/nixonimages.htm>.
- Pete Davis. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 5 de Dezembro de 2009]. Disponível em <http://www.pete-davis-photography.com/>.
- Photographer's Spotlight: Nicholas Nixon. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 2 de Março de 2010]. Disponível em <http://www.nyip.com/ezine/techtips/spotlight-nicholasnixon.html>.
- Photography as a healing practice. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 4 de Janeiro de 2010]. Disponível em <http://www.kporterfield.com/healing/photography.html>.
- Photosensitive. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em <http://www.photosensitive.com/>.
- Photosensitive: The Cancer Project. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em http://www.pbase.com/ronnik_d70/cancer_project.
- Photo therapy and Breast Cancer: a selection Jo Spence's work. [Em linha]. Actual. 20 de Março de 2003. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em <http://hosted.aware.easynet.co.uk/jospence/>.
- PhotoTherapy Techniques in counseling and therapy. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 4 de Janeiro de 2010]. Disponível em <http://www.phototherapy-centre.com/>.
- Portrait Photography. [Em linha]. Actual. em 3 de Julho de 2010. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Portrait_photography.
- Richard Avedon. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 28 de Setembro de 2009]. Disponível em <http://www.richardavedon.com/>.
- Richard Avedon. [Em linha]. Actual. em 1 de Julho de 2010. [Consultado em 28 de Setembro de 2009]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Avedon.

- Susan Sontag. [Em linha]. Actual. em 26 de Junho de 2010. [Consultado em 30 de Janeiro de 2010]. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Susan_Sontag.
- Susan Sontag. [Em linha]. Actual em 25 de Junho de 2010. [Consultado em 30 de Janeiro de 2010]. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Susan_Sontag.
- The Breast Câncer Project. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 3 de Setembro de 2009]. Disponível em <http://www.micheletaras.com/Breast%20Cancer%20Project/Breast%20Cancer%20Project.htm>.
- Therapeutic Photography. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 13 de Fevereiro de 2010]. Disponível em <http://www.photovoice.org/html/methodology3tp/index.htm>.
- Through the image: Nicholas Nixon's "People with AIDS".(Critical Essay). [Em linha]. Actual. 2001. [Consultado em 1 de Março]. Disponível em <http://www.accessmylibrary.com/article-1G1-92283595/through-image-nicholas-nixon.html>.
- Tino Soriano. [Em linha]. Actual. ?. [Consultado em 7 de Março de 2010]. Disponível em <http://www.tinosoriano.com/medicina2.html>.
- Tino Soriano. [Em linha]. Actual. em 3 de Dezembro de 2009. [Consultado em 7 de Março de 2010]. Disponível em <http://tinosoriano.blogspot.com/2009/12/el-futuro-existe-todavia-cabalga.html>.
- Types of Photography. [Em linha]. Actual. 2010. [Consultado em 4 de Abril de 2010]. Disponível em <http://www.photography.com/articles/types-of-photography/types-of-photography/>.

Livros Electrónicos

- NIXON, Nicholas; NIXON, Bebe – *People with Aids*. [Em linha]. Boston: David R. Godine, Publisher, INC, 1991. [Consultado em 1 de Março de 2010]. Disponível http://books.google.pt/books?id=zyUYEa6sOioC&printsec=frontcover&dq=nicholas+nixon+people+with+aids&source=bl&ots=ve5Yg4aypJ&sig=fRKdzL8QcWQ__qntXsf9bQ2tfvw&hl=pt-PT&ei=eBL0S8bzH9-

IsQbCmY2ZDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false.

- PINTO, Ayres Marques - *Re-inventando a Fototerapia na Itália*. [Em linha]. Loreto: 26 de Maio de 2006. [Consultado em 4 de Janeiro de 2010]. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/9714840/Fototerapia>.

Filmes e Séries

- ? (Produtor), Raul Constante Pereira (Editor). (2005). *Transformações* [Filme]. [Disponível no serviço de pediatria do IPO]. Porto: Associação de Ludotecas do Porto/Anilupa.
- nFactos (Produção), Francisco Carvalho e Miguel Castro (edição). (2009). *Vencer o Cancro*. [Série]. [Emissão televisiva através da Sic].